











# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

3 HQVDQGR D (GXFDomR )tVLF-~~Escola~~Respostas na R  
FRQVWLWXLomR GH VDEHUHVμ

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Ressalto ainda que um conceito não pode ser concebido dentro de uma perspectiva unívoca, totalizante ou mesmo permanente, mas, isso sim, a partir de uma multiplicidade de componentes, inseridos em um espaço e um tempo, ou seja, em um mundo possível. Sendo assim, todo e qualquer conceito,

sempre tem uma história, embora a história se desdobre em zigue-zague, embora cruze talvez outros problemas ou outros planos diferentes. Num conceito, há, no mais das vezes pedaços ou componentes vindos de outros conceitos, que respondiam a outros problemas e supunham outros planos. Não pode ser diferente, já que cada conceito opera um novo corte, assume novos contornos, deve ser reativado ou recortado (DELEUZE & GUATARRI, 2010, p.27).

Falar de história, nessa perspectiva, exige algumas especificações quanto aos sentidos ou significados aos quais estou me reportando, ou seja, não se trata aqui de reescrever o passado em termos do presente, aceitando como dadas às categorias de análises estabelecidas, mas é preciso restituir o jogo das interações que existem entre saberes e poderes específicos. Nessa acepção, ressaltar a historicidade dos fatos e das coisas é uma tentativa de entendimento de como elas acontecem, como se apresentam na sua singularidade, buscando enxergar seus estratos constitutivos, suas camadas que se relacionam, se cruzam, se dizem, se enunciam e se constituem.

Nesse mesmo sentido, Deleuze (1988, p. 58) afirma que Foucault espera da história uma noção muito própria, que “é esta determinação dos visíveis e dos enunciáveis em cada época”, ou seja, a maneira de dizer e a forma de ver, em cada período, que ultrapassa os comportamentos e as mentalidades, as ideias, tornando-as possíveis. Ainda, segundo Deleuze, “a História só responde por que Foucault soube inventar, sintonizando com as novas concepções dos historiadores, uma maneira propriamente filosófica de interrogar, maneira nova e que dá nova vida à História” (ibid, p. 59).

É assim que emerge uma concepção dos saberes históricos tomados não a partir de uma concepção global, contínua, linear e generalizante, mas, isso sim, enquanto acontecimentos locais, específicos, ou seja, “o verdadeiro sentido histórico reconhece que nós vivemos sem referências ou sem coordenadas originárias, em miríades de acontecimentos perdidos” (FOUCAULT, 1996, p. 29).

Dentro dessa perspectiva trabalharei em torno da história dessa racionalidade da sociedade brasileira pautada no conceito do *Homo Sportivus*, tomado como um homem múltiplo, inacabado, em constante evolução, que se transforma, se produz a si mesmo e aos outros, que é capaz de pautar suas condutas por uma consciência de princípios e regras em constante mutação, mas que passam a ser paulatinamente assumidas como naturais e necessárias a seus empreendimentos futuros, jamais finitos e de satisfação provisória.

O homem desportivo é expressão daquele modelo e conceito, da observância e cumprimento de um mandamento que convida o homem a fazer-se a si próprio e à sua individualidade através dos seus rendimentos. Nele mora uma ânsia de transcendência que exclui o deixar andar e o dar-se por contente e satisfeito com o estado alcançado e que o leva nas asas do desassossego para novos desafios e metas, para novos patamares, avanços, acrescentos e progressos (BENTO, 2002, p. 05).



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Como foi se produzindo esse conceito de homem na sociedade brasileira, quais as condições de possibilidades vivenciadas nos diferentes momentos históricos, que tornaram possível sua existência? Quais deslocamentos, quanto a sua concepção e abrangência, foram se efetivando, assim como que efeitos foram sendo produzidos a partir de sua emergência até seu momento atual? Esses são algumas das múltiplas indagações a serem enfatizadas e que operam como agentes motores deste trabalho.

Segundo Tubino (1984, p. 01), é no século XX que diferentes caracterizações de seres humanos vão se produzindo, como resultantes de uma diversidade de situações e os respectivos engajamentos do ser humano com as circunstâncias de cada momento histórico. Produz-se, assim, um mundo “atulado de modelos, que passam por nós de modo fugidivo, mas também marcam presença teimosa entre nós, permitindo-nos dizer que o nosso mundo são os nossos modelos” (BENTO, 2004, p. 167).

É um mundo que se configura a partir de verdades, de saberes e de poderes que se relacionam produzindo como efeitos sujeitos diversos, ou seja, modelos de homens que se constituem e atuam a partir de normas, de verdades e de padrões sociais mutáveis. Dentro desse contexto é que a produção desse modelo de *Homo Sportivus* vem sendo constituído, a partir da noção de *Homo Sapiens*, no qual o ser humano passou a considerar-se racional em relação aos demais, sendo que a seguir entra em cena o *Homo Faber*, definido segundo suas relações com o trabalho.

De acordo com Bento (2004, p. 170), por volta de 1793 é que “passa a vigorar o *Homo Gymnasticus*, para reabilitar a natureza corporal e para enfrentar a desarmonia de corpo e espírito ocasionada pelo negligenciamento do exercício e esforço físicos”. Ainda, segundo o mesmo autor, é no final do século XIX que surge um modelo do *Homo Olympicus*, traduzido no axioma *Citius, Altius, Fortius*, que pretende ser um padrão de inspiração para uma vida exemplar em toda a sua abrangência.

Institui-se, assim, uma referência tida como um sujeito civilizado, ou seja, àquele que assumiu “o padrão de hábitos e comportamentos a que a sociedade, em uma dada época, procurou acostumar o indivíduo” (ELIAS, 1994, p. 90). Trata-se da produção de sujeitos específicos, com comportamentos e padrões de condutas não constituídos naturalmente, mas produzidos como efeito da configuração social, pois, ainda segundo o mesmo autor,

o homem ocidental nem sempre se comportou da maneira que estamos acostumados a considerar como típica ou como sinal característico do homem civilizado. Se um homem da atual sociedade civilizada ocidental fosse, de repente, transportado para uma época remota de sua própria sociedade, tal como o período medievo-feudal, descobriria nele muito do que julga “incivilizado” em outras sociedades modernas. Sua reação em pouco diferiria da que nele e despertada no presente pelo comportamento e pessoas que vivem em sociedades feudais fora do Mundo Ocidental. Dependendo de sua situação e inclinações, sentir-se-ia atraído pela vida mais desregrada, mais descontraída e aventureira das classes superiores desta sociedade ou repellido pelos costumes “bárbaros”, pela pobreza e rudeza que nele encontraria. E como quer que entendesse sua própria “civilização”, ele concluiria, da



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

maneira a mais inequívoca, que a sociedade existente nesses tempos pretéritos da história ocidental não era "civilizada" (ELIAS, 1994, p. 16).

Temos assim um modelo de homem que passa a operar como efeito do momento histórico vivido, ou seja, segundo Ângelo (s/d, p.03), o “nascimento da revolução industrial na Europa demandava uma economia das ações e do tempo; para tanto, era preciso uma disciplinarização do corpo, no sentido de torná-lo dócil e apto ao sistema de produção”. Tem-se, nesse período, uma potencialização de uma concepção de homem pautado no modelo de Homo Gymnasticus e Olympicus, em que se pode verificar a vivência de uma série de peculiaridades úteis a esse sistema econômico de produção, que atuam no “corpo-máquina: seu adestramento, o aumento das suas aptidões, a extorsão de suas forças” (FOUCAULT, 2008, p. 514).

É uma forma de poder caracterizada como disciplinar em ação, enfatizando um modelo de homem individualizado em que o corpo passou a ser objeto de regras, de códigos, de práticas, ou seja, de técnicas de ginástica, cálculo exato dos espaços e dos tempos, exigências essas que produzem um corpo considerado como àquele “que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil” (FOUCAULT, 2005, p. 117), é a “anátomo-política do corpo humano” (ibid), que visa não somente um aumento da eficiência de seus resultados, mas também o controle, o disciplinamento dos indivíduos. Ainda segundo o referido autor se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (p. 134).

Reforçando essa noção de gerenciamento e de controle social gostaria de evocar o indicado por Elias, principalmente em suas duas obras o “Processo Civilizador” e os “Os estabelecidos e os *outsiders*”, em que o autor ressalta a questão do autocontrole das condutas e sentimentos, propiciando que o indivíduo internalizasse e automatizasse uma série de regras de condutas. Temos, assim, em uma sociedade civilizada, o homo Gynasticus e Olympicus operando uma série de condutas e de procedimentos em torno de uma concepção de homem correto, pacífico, democrático e produtivo economicamente.

Tubino (1984, p. 01) e Bento (2004, p. 173) evocam ainda o Homo Ludens como precursor do *Homo Sportivus*, que nasce no decorrer do século XX e que projeta um homem não apenas novo, mas também superior, “reunindo em si corpo e alma, espírito e natureza, bondade e força; e correspondendo a uma criação e conjugação maravilhosas de componentes heroicos e divinos com estatuto de exaltação e eternidade” (BENTO, 2004, p.174). Em sua concepção inicial, esse conceito de homem se referia àquele modelo que, sob qualquer pretexto ou propósito, incorporou a atividade física no seu “*modus vivendi*”. Os objetivos almejados poderiam ser os mais diversificados, tais como a busca de aptidão física, a consciência do valor das atividades físicas na saúde, a obtenção de performances ou mesmo impulsionados pela moda (TUBINO, 1984 p. 01).

Mas, em todos esses deslocamentos de modelos de homens vividos ao longo dos últimos séculos, percebe-se que eles se fazem a partir de uma concepção de esporte que assumiu, em tempos contemporâneos, um valor de elemento base de uma razão governamental. Segundo





# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Ehrenberg (2010 p.16), “o esporte saiu dos estádios e ginásios; ele abandonou o contexto restrito das práticas e dos espetáculos esportivos: é um sistema de condutas de si que consiste em implicar o indivíduo na formação de sua autonomia e de sua responsabilidade”. Ainda, segundo o referido autor,

o valor referencial do esporte está a tal ponto dilatado que se transformou num lugar para falar de outra coisa. Colocando de outro modo (...) imagens de vida e modos de ação se difundem, se popularizam, adquire legitimidade por meio do esporte (p. 21).

Dentro dessa perspectiva, gostaria de salientar que a própria concepção de esporte deslocou-se de um espaço determinado, de uma zona de estabilidade, de um conceito estável, a partir do qual se designava práticas específicas, para adentrar em um mundo que o concebe de uma maneira volátil, flexível, ampla e abrangente.

Trata-se de uma racionalidade governamental que gira em torno de um estilo de vida esportivizado, ou seja, uma série de comportamentos, condutas, maneiras de pensar e de agir que fazem do homem moderno ajustado aos modos de vida da sociedade atual.

Em uma década, o esporte está a tal ponto ancorado no cotidiano que ele não constitui apenas uma forma de lazer ou uma atividade corporal específica pensada e organizada em vista de performances a se alcançar, mas a manifestação de uma relação generalizada com a existência: empregado na qualidade de referente, de metáfora ou de princípio de ação em registros cada vez mais vastos de nossa realidade contemporânea, o esporte sai dos estádios e ginásios; ele abandonou o contexto restrito das práticas e dos espetáculos esportivos: é um sistema de condutas de si que consiste em implicar o indivíduo na formação de sua autonomia e de sua responsabilidade. (EHRENBERG, 2010 p.18)

O esporte moderno se produz enquanto um domínio, em uma rede composta de uma série de enunciados, de poderes e de subjetividades múltiplas que se relacionam, se produzem, se imbricam e se sustentam. Forma-se, assim, uma espécie de poliedro multifacetado, em que cada face se compõe de uma diversidade de elementos e estratégias que demarcam um estilo de vida esportivizado, interpellando sob diferentes formas e aspectos os mais diversos ângulos e instâncias sociais, tendo como efeito a efetivação de uma realidade, ou seja, a existência de um *Homo sportivus*. Segundo Bento (2007), “ele não é, pois, um modelo qualquer de homem, ao lado de tantos outros; não, vai mais longe ao afirmar-se como instância elaboradora de fórmulas para inquietações da vida situadas para além dele”.

Trata-se não só da produção de um sujeito individualizado, mas também que influencia, produz e gerencia os outros, ou seja, evoca-se uma outra tecnologia de poder, que existe em função da disciplinar, mas não a exclui, pois é de outra ordem, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes. Sendo assim, ela embute, integra, modifica parcialmente o poder disciplinar e se dirige ao homem espécie, como parte de uma população, afetada por processos de conjunto, de uma massa global e que são próprios da vida considerada por sua noção populacional e não mais direcionada somente aos indivíduos isolados, ou seja, não se refere somente a uma anátomo-política do corpo humano, mas a uma “biopolítica” da espécie humana. (FOUCAULT, 2005, p. 285).





# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Foucault foi o pensador que utilizou pela primeira vez o termo biopolítica, em 1974, mas não foi ele seu inventor, pois sua origem se atribui ao sueco Rudolf Kyellen (CASTRO, 2005). Sendo assim, a biopolítica, operada em uma perspectiva foucaultiana, refere-se “a todo um conjunto de ações, saberes e estratégias que se efetivam sobre uma população e que objetivam promover e potencializar a vida humana”(ibid). Destaque-se aqui não a invenção de um termo, mas a ênfase a uma nova dimensão analítica do ser humano, ou seja, a população, entendida como uma massa global composta de inúmeras cabeças, se não infinita, pelo menos, necessariamente, mensurável. Surge, assim, a compreensão de um novo corpo: um corpo múltiplo (FOUCAULT, 2005, p. 292), ou mesmo, um grande corpo vivo que necessita de uma série de intervenções, de procedimentos no sentido de seu gerenciamento e de seu governo<sup>1</sup>. Pode-se dizer, então, que a biopolítica entra em ação de modo a “garantir-lhes maior segurança, sobrevivência, natalidade, longevidade, saúde, felicidade etc.” (VEIGA-NETO, 2006, p. 02).

É nesse contexto que o modelo do *Homo Sportivus* adquire status no sentido de ditar condutas e comportamentos de uma população, ou seja, atua na perspectiva de produzir estilos de vidas. Como afirma Soares (2005, p.43), a noção de esporte, presente nos dias de hoje, pode ser considerada como

um *estado de espírito* e a competição é seu grande pano de fundo, sua grande novidade no que diz respeito aos costumes. Este *estado de espírito* ou mesmo este *estilo de vida esportivo* alia performance a consumo, e os campeões esportivos surgem na cena social, hoje, como símbolos de excelência. (...) Traço visível das contemporâneas sociedades de massa, o apelo ao corpo é, ele mesmo, revelador de um olhar sobre esse reduto ainda rebelde, ainda misterioso, ainda factível. A *versão atlética e esportiva* do mundo, dos corpos e das relações humanas, seu apelo constante e insistente de ultrapassagem de limites, possui referência direta ao status que a *competição esportiva* conquistou. Seu conteúdo hoje expressa princípios de ação e não apenas um conjunto de práticas corporais específicas.

Vemos, pois, na configuração desse modelo de *Homo Sportivus*, uma possibilidade de ligação entre a anátomo-política do corpo e uma biopolítica da população, sendo que através delas faz-se a operacionalização de dois conjuntos de mecanismos de poder, um disciplinar e o outro regulamentador, que permitem a um só tempo atuar na ordem disciplinar do corpo e nos acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica, ou seja, no sentido de produzir, de potencializar e, enfim, de fazer viver uma população.

Evoco novamente o convite a dialogar com Foucault e Elias para transitar por esses deslocamentos na concepção de homem, que vão se demarcando na história moderna, potencializados pelas diferentes formas que o mundo passa a ser pensado em sua multiplicidade e complexidade, ou seja, pela maneira que em uma conjuntura específica os sujeitos agem e se

<sup>1</sup> Nessa perspectiva teórica governo se reporta às artes de governar. “Estas artes incluem, em sua máxima extensão, o estudo do governo de si (ética), o governo dos outros (as formas políticas da governamentalidade) e as relações entre o governo de si e o do governo dos outros.” (CASTRO, 2009, p. 193)



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

constituem movidos por determinadas verdades e em outra época, em diferente contexto produzem distintos efeitos.

Trata-se da produção de sujeitos relacionados com os regimes de verdades, assim como movidos por desejos diversos como de serem belos, aptos, saudáveis, noções essas que se deslocam e que passam por metamorfoses constantes, ou seja, se modificam e se movem absolutamente imbricadas com as configurações sociais de seus tempos.

O corpo humano deixa de ser apenas natureza primeira para se tornar um grande campo experimental dos desejos, das visões, das esperanças e expectativas mais elevadas e das fantasias mais prodigiosas. Isto é, os exércitos de conquistadores, impulsionados pela ciência, pela tecnologia e por outros instrumentos e corporações de interesses em moda, focalizam a sua atenção no corpo e este deixa de ser tolerado como algo natural, fruto do destino e do acaso. Torna-se uma construção cultural. Em suma, a tentativa de manipular o corpo, de o tornar disponível para os fins e desejos eleitos, faz parte de um projeto, estabelecido sobretudo pela modernidade. (BENTO, 2007)

Dentro desta perspectiva, destaco que em todas essas diversificadas concepções de homem, uma temática faz-se sempre presente, que é a ênfase a questão da vida, em suas diversas manifestações e configurações.

A questão por que o comportamento e as emoções dos homens mudam é, na realidade, a mesma pergunta por que mudam suas formas de vida. Na sociedade medieval, desenvolveram-se formas de vida e o indivíduo era obrigado a viver dentro delas como cavaleiro, artesão, ou servo da gleba. Em sociedades posteriores, diferentes oportunidades diferentes formas de vida surgiram, às quais o indivíduo tinha que se adaptar. (ELIAS, 2011 p. 194).

Toma-se, assim, uma noção de vida, não a partir de uma ciência específica, biológica, sociológica, econômica ou mesmo em outra dimensão, seja ela qual for, pois, segundo Portocarrero (2006, p. 161), Foucault nos adverte que:

não há nada mais tirânico e fatal que colocar a vida sob o signo de uma ciência ou de uma ideologia, ou melhor, de uma exigência de verdade, onde o papel do saber não é apenas produção de verdade, mas o exercício de poder. Para ele, nas sociedades capitalistas, o poder é negativo e repressivo, mas tem uma eficácia produtiva, uma positividade que necessita ser conhecida: a da gestão da vida dos indivíduos e das sociedades, para a qual produz uma série de saberes específicos, capazes de auxiliar, como dissemos, na função de tornar os indivíduos dóceis, do ponto de vista político, e produtivos, do ponto de vista econômico.

ENFIM .....

Este trabalho procurou estabelecer um diálogo entre esses dois autores, Foucault e Elias, não no sentido de compará-los, de confrontá-los, nem mesmo de comprová-los, mas, isso sim, de utilizá-los para compreender nosso presente e seus elementos constituintes, sendo que, mais



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

especificamente a própria constituição dos sujeitos não como fruto de uma existência universal, natural, mas como parte de uma trama, de uma configuração histórica e social.

Sendo assim, ao problematizar a constituição de um conceito de homem, o *Homo Sportivus*, percebe-se que tal noção está absolutamente imbricada com os regimes de verdades de seus tempos, produzindo e sendo produzidos por uma racionalidade governamental, que, por sua vez, também opera em consonância e interdependente das configurações sociais.

Esse modelo de homem não é uma noção estática, imutável, ele foi se produzindo e sofrendo deslocamentos quanto a sua abrangência e concepção, mas sempre com uma ênfase muito presente que é a questão da vida, a ser produzida e gerenciada, ou seja, absolutamente imbricados em uma arte de governar que também foi se modificando ao longo dos séculos.

Para finalizar, gostaria de evocar novamente a figura de um mosaico, para destacar que as noções aqui pontuadas configuram-se como algumas das muitas imagens possíveis a partir das tesselas utilizadas. Estes são alguns dos aspectos possíveis, mas muitos outros horizontes serão buscados, muitos outros caminhos serão percorridos, assim como muitos outros desvios serão adentrados.

## REFERÊNCIAS

ANGELO, Miguel. **Biopolítica e sociedade de controle: Notas sobre a crítica do sujeito entre Foucault e Deleuze**. Disponível em [www.revistacinetica.com.br/cep/miguel\\_angelo.htm](http://www.revistacinetica.com.br/cep/miguel_angelo.htm). Acessado em 28/09/2009

BENTO, Jorge. **Desporto, discurso e substância**. Porto: Saberes do Porto, 2004.

BENTO, Jorge, Go Tani e Petersen, Ricardo. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2007

DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. **O que é a filosofia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume I: uma história dos costumes**. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**: São Paulo: Martins Fontes, 2005



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

\_\_\_\_\_ **Vigiar e Punir: nascimento da prisão** 30 ed. Petrópolis, Vozes, 2007

\_\_\_\_\_ **Segurança, território, população:** São Paulo: Martins Fontes, 2008

\_\_\_\_\_ **Repensar a política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010

\_\_\_\_\_ **Do governo dos vivos – Curso no College de France, 1979-1980** , São Paulo: Achiamé, 2011

LANDINI, Tatiana Saviola. A sociologia processual de Norbert Elias. In: IX Simósio Internaciona Processo Civilizador – Tecnologia e Civilização, **ANAIS...** Ponta Grossa. Paraná. Brasil, 2005. Disponível em [www.ppgep.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd\\_Simposio/artigos/mesa](http://www.ppgep.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simposio/artigos/mesa)

PORTOCARRERO, Vera. Reabilitação da concepção de filosofia como ascese no pensamento tardio de Foucault. In: GONDRA, José & KOHAN, Walter (org.). **Foucault 80 anos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Carmen. **Práticas Corporais.** Florianópolis. SC, 2005

TUBINO, Manoel José Gomes. FERREIRA, Vera Lucia Costa & CAPINUSSU, José Maurício. **Homo Sportivus.** Rio de Janeiro: Palestra Edições Ltda, 1984.

TAVARES, Davi Kiermes. O poder como inspiração: Elias, Foucault e a educação escolar. **Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia.** IFBA nº 02 – Ano 3 – junho/2012. Disponível em :[www.revistapindorama.ifba.edu.br](http://www.revistapindorama.ifba.edu.br)

VEIGA NETO, Alfredo. **Biopolítica, Estado Moderno e inclusão na escola.** São Leopoldo, UNISINOS: Cadernos IHU em formação, ano 2, n.7, 2006. p.98-101. ISSN: 1807-7862.

Rose Méri Santos da Silva  
Rua Casemiro de Abreu, 361 Areal Pelotas (RS)  
e-mail: [roseufpel@yahoo.com.br](mailto:roseufpel@yahoo.com.br)